

Bancos franceses prevêem acordo com o FMI

Fritz Utzeri

Correspondente

Paris — Com a demissão do ministro Dilon Funaro, o Brasil não terá outra saída a não ser compor-se com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Imprensa no alto da primeira página do jornal *Le Monde* de ontem, a informação refletia a impressão dos banqueiros franceses, confirmada por vários deles, como Etienne Gillard, diretor de análise de riscos financeiros do Banco Nacional de Paris que defendeu a medida, afirmando que hoje em dia o FMI perdeu grande parte de sua ortodoxia.

Le Monde anuncia a viagem na semana que vem de uma missão do FMI ao Brasil (a missão, na realidade, já está em Brasília). O problema para o governo brasileiro, segundo os banqueiros, é saber como o governo vai "vender" a idéia

de um acordo com o Fundo à opinião pública após mais de dois anos de intransigência brasileira, que — segundo os banqueiros — levaram à politização e ao confronto. Uma saída, estimam os analistas financeiros, poderia ser o monitoramento pelo Banco Mundial em lugar do FMI, o que poderia ser considerado aceitável.

Segundo *Le Monde*, Funaro, classificado como **bête noire** dos bancos após ter decidido uma moratória unilateral, em fevereiro, sobre 68 bilhões dos 1.090 bilhão de dólares da dívida brasileira, vinha nos últimos dias sofrendo pressões crescentes, abrangendo desde industriais favoráveis a um acordo com o FMI e de quatro governadores (Rio, São Paulo, Minas e Mato Grosso do Sul), representando 80% do PNB brasileiro.

Os banqueiros franceses não acreditam que o Brasil consiga este ano alcan-

çar um superávit de sua balança comercial superior a 5 bilhões de dólares — apesar de estimativas otimistas do presidente do Banco Central, Francisco Gros, que fala em 8 bilhões de dólares de saldo, a quantia é insuficiente para reembolsar o serviço da dívida que vence em 1987. Apesar disso e da missão do Fundo, segundo *Le Monde*, ainda não é certo que o Brasil transforme-se num bom aluno dos métodos ortodoxos da organização. O jornal lembra que a própria missão do Fundo optou por manter uma visita muito discreta ao Brasil.

Segundo o jornal, o presidente Sarney não tem muita saída política, face a uma opinião pública que associa sempre o FMI à austeridade e fome no Terceiro Mundo qualquer que seja o sucessor de Funaro, saia ele do PMDB ou não, o maior problema imediato do futuro ministro será explicar um acordo aos brasileiros.